

Raimundo Amizalak J. Dungula

DOUTORMANIA

UMA PATOLOGIA ACADÉMICA



EDITIONS
ECO7

Raimundo Amizalak J. Dungula

DOUTORMANIA
Uma Patologia Académica

Ficha Técnica:

Título: Doutormania (Uma Patologia Académica)

Autor: Raimundo Amizalak J. Dungula

Editora Digital: "**ÁGUA PRECIOSA**"

WWW.ACADEMIADEAUTORESDAHUILA.NET

Texto: Verdana 14

Capa: Mukereng Cardoso

"Para se conhecer a sabedoria e a instrução; para se entenderem as palavras da prudência;

para se perceber a instrução do entendimento, a justiça, o juízo e a equidade;

para dar aos simples prudência, e aos jovens conhecimento e bom siso;

para o sábio ouvir e crescer em sabedoria, o instruído adquirir sábios conselhos; para entender provérbios e sua interpretação, como também as palavras dos sábios e suas adivinhações.

O temor do Senhor é o principio da ciência; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução".

Fonte: Provérbios 1:2-7 (Bíblia Sagrada)

"Pois está escrito:

Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.

Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura, não tomou Deus louca a sabedoria deste mundo?

Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação.

Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria."

Fonte: 1. Coríntios 1:19-22 (Bíblia Sagrada)

"Na verdade, não gosto do que oiço: Somos todos doutores!"

RAJD

Índice

Dedicatória	VIII
Agradecimentos	X
Motivações	XII
Nota Prévia.....	XIV
Prefácio	XVI
Finalidade do Livro	XXII
Terá havido algum facto que serviu de Catalisador para a doutormania?	XXIV
Sobre a doutormania o que dizem os intelectuais?	XXVIII
Pensamento de RAJD versus Doutormania ...	XXXII
O que nos ensinam os conceitos?	XXXVI
Descodificando um enigma Académico	XXXIX
A mania de quer ser Chamado de doutor	XLII

As diferenças entre Monografia dissertação e tese	XLV
A génese da doutormania	XLIX
A intelectualidade em Angola. A grande viagem do ensino superior em Angola	LI
Transformação da doutormania Em um facto aceitável pela Sociedade Angolana	LVII
Gravatalismo versus doutormania	LIX
Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla.....	LXI
Os contagiados pela doutormania	LXVII
Consequências da doutormania'	LXIX
Para não concluir.....	LXXI
Bibliografia consultada	LXXIII
DADOS BIOGRÁFICOS	LXXIX

Dedicatória

Com amor, à minha esposa, Maria Isabel de Sá Galamba:

Com ternura e amor, aos meus filhos: Sandro Wanderley Adriano Dungula, Marlene Celeste Vieira Dungula, Edwin Amizalak Vieira Dungula;

Com muito carinho, ao meu neto Samuel.

As minhas irmãs e aos meus irmãos;

Às minhas cunhadas e aos meus cunhados;

A todos os meus sobrinhos.

Aos meus amigos espirituais: Juliano Tchamukwuavo, Nelson de Sousa, Tozé Pinto, Eugénia da Silva, Miguel Francisco (Michel).



Agradecimentos

Ao Mário Tito, pela confiança assumida desde o início, em relação ao meu projecto inerente a uma questão tão sensível, complexa e brutal — a doutormania; pelo apoio prestado, quando, naquela tarde,, em casa da Lúcia, manifestei a minha intenção ingente de desmistificar um conceito problemático. Entretanto, ele, o Mário, abraçou, prontamente, a ideia e se ofereceu, incondicionalmente. a ajudar-me, com as suas opiniões e memórias sobre a génese da doutormania.

Os meus agradecimentos são extensivos ao Pastor Luliano, por todo o apoio e consideração; e, por fim, ao meu grande colega e amigo, o Professor Doutor e Científico do CESIC, Benevides Pessela (Bana).



Motivações

A doutormania encerra uma discussão de um académico que teve de passar por muitas dificuldades para alcançar o título científico de doutor. Formou-se em universidades europeias bem nomeadas (Louvain-Ia-Neve de Bruxelas; Complutense de Madrid de Espanha, a título de exemplo).

Vendo ele como as coisas se encaminham em Angola, sente que tudo se vem desintelectualizando. A expressão revela-se muito forte e um pouco ambígua, serve para traduzir a dramaticidade que incorpora a "doutormania". Ao que tudo parece sucede que o "termo" escapou das universidades para a rua, pois, em Angola, "todos são doutores".

Nos últimos anos, o interesse pela organização e gestão das universidades cresceu notavelmente em determinadas paragens do mundo académico, particularmente no Ocidente. Isto foi devido à incorporação de conteúdos relacionados com o emprego nas ofertas formativas, e o valor estratégico das investigações que se realizam nos departamentos e laboratórios.

E já a propósito disso, os intercâmbios sociais que, actualmente, se percebem necessitam, com urgência, de uma revisão do significado e do âmbito das actuações, quer dos governos, quer da direcção das instituições de ensino superior (IES), procurando evitar um certo avolumar de situações atípicas que enfermam a academia e o movimento da gestão das IES.

Voltando especificamente ao cerne da questão, atendendo que, em Angola, "todos são doutores", o expectável era haver já muitas propostas de soluções aos mais diversos problemas pelos quais passa a sociedade.

Com esta abordagem, adiante-se, nada mais senão contribuir para debate que se impõe sobre "que caminhos nos quais palmilhar com audácia sim; mas não só... Sobretudo, com honestidade, humildade e sabedoria para o alcance de uma nova Angola, que se quer próspera e sustentável nos próximos anos?"

Raimundo Amizalak Joaquim Dungula

2010

Nota Prévia

Numa aprazível viagem ao Lubango, em 1997, para tratar da nossa festa de reencontro dos antigos estudantes dos lares INE e Engels, num fim de tarde, fomos dar à casa da Lúcia, a nossa ex-colega, em companhia da Rosy. Tivemos também a sorte de contactar com o Ray. Sucederam-se, então, as devidas apresentações, entre nós, os visitantes (eu, o Mário Tito, o Kim, ou melhor, o "Puto Kim Poio"), e o marido da Lúcia (o Zé Manuel), senhor simpático, tendo-nos recebido muito bem, naquela forma peculiar e hospitaleira de angolanos.

Ficamos a saber, mais tarde, que, nesse entretanto, o kota Ray já tinha passado pela casa da Lúcia. Adiantara-se um pouco. Foi num pé e voltou noutro... O kota já não bebe, diga-se de passagem, entenda-se aqui "bebida alcoólica" mas, pelo menos, continua a sua marca de ser um bom de boca ("fala bué"). Tal como diz alguém, o kota "engoliu o disco" e porque conversa puxa conversa, não se demorou a soltar a notícia: Disse ele que estava a escrever um livro sobre um assunto que se mostrava complexo e muito polémico: "a doutormania".

No desenrolar da conversa, com uns vinhos a cruzarem o pensamento, lá falei um pouco sobre o que suponho ser o surgimento da doutormania, e o Ray, de imediato, pediu-me para escrever e, aqui, apresento o que sei.

Mário Tito

Prefácio

A «mania de querer ser tratado de doutor» sem, no entanto, o ser, terá iniciado no fim dos anos 70, ou início dos anos 80, com as telenovelas brasileiras e com as diferenças económico-sociais que influenciavam o comportamento dos poucos quadros angolanos que já tinham um certo nível académico e que tinham já frequentado a universidade ou concluído o antigo 7.º ano.

O "Ano de Formação de Quadros", 1979, motivou o governo da República Popular de Angola a massificar o ensino e, conseqüentemente, mobilizar a juventude para estudos e formação superior. Em 1980, terá havido o maior volume de encaminhamento de estudantes que concluíram a 8.a classe nos mais diferentes pontos do país, com a abertura de internatos ou lares do ensino médio nos mais diversos cursos em todo o território nacional, com excepção de umas poucas províncias que não possuíam infraestruturas para hospedar alunos, ou porque também tinham uma gritante falta de professores e, ainda, devido a um certo subdesenvolvimento rocia e cultural criado, de propósito, pelos portugueses. Tais são as províncias do Moxico, Kuando Kubango, Kunene, Zaire e Lunda Sul.

As demais províncias tiveram, pelo menos, um instituto médio. Assim, a província de Luanda teve o Instituto Normal de Educação, o de Finanças, o Industrial, o de Saúde, o Pré-Universitário, o INEF; a província de Kuanza Norte teve o Instituto Normal de Educação; a província do Uíge teve o Instituto Normal de Educação e o de Agronomia; a província de Cabinda, o Instituto Normal de Educação; a província de Kuanza Sul, o de Instituto Normal de Educação; a província de Benguela, o Industrial e o Instituto Normal de Educação; a do Huambo, o Industrial Pedagógico e o Instituto Normal de Educação; a do Bié, o de Saúde; a da Huíla, o Instituto Normal de Educação, o de Estatística, o de Finanças, o PU-Direito, o PU-Pedagógico, o de Agronomia; a do Namibe, o Oceanografia e o INEF; a de Malange, o Instituto Normal de Educação; a da Lunda Norte, o Instituto de Minas.

No ano de 1980, criou-se o ISCED - Instituto Superior de Ciências da Educação, no Lubango, tendo sido, na época, a praça estudantil mais alargada, a seguir à província de Luanda, para onde foram encaminhados jovens que haviam concluído o antigo 7.º ano, os primeiros PUNIVS curtos e longos; sendo alguns outros, com equivalência para o frequentarem, pela experiência pedagógica, sobretudo, funcionários ligados ao Ministério da Educação.

Fruto da carência de professores em todos os níveis, ministravam-se também em alguns INES os cursos

de formação Acelerada de Professores, direccionados para professores do interior (municípios e comunas), foram recrutados alunos dos institutos médios para as escolas do II nível. Para o II e III níveis, além de institutos médios, havia um número considerável de professores cubanos que, com abnegação, se dedicavam à causa internacionalista. Talvez tenha sido nesse período em que se iniciou a doutormania.

Já no tempo colonial, os professores, a partir do ensino secundário, eram tratados por "stor", uma abreviatura de "senhor doutor", uma vez que se presumia que a maioria dos docentes, a partir daquele nível, ou já possuía formação superior, ou estava a fazê-la. No entanto, a expressão "stor" foi perdendo o seu "carácter", e os professores foram exigindo que se lhes chamasse doutores, sobretudo aqueles que já estivessem a frequentar o ensino superior.

Em princípio, a ideia terá surgido no seio dos professores regressados do Zaire, actual RDC, que já imbuídos no espírito e progresso do Congo, independente desde 1960, valorizavam ou sobrevalorizavam títulos académicos, o que lhes possibilitava granjear posições sociais diferentes, ou um estatuto que lhes permitisse ascender a cargos políticos e sociais no nosso conturbado mosaico, ainda débil e sem experiência governativa. Além disso, a vaidade e a idade dos professores, comparados a muitos alunos do III nível faziam, com que qualquer

professor se autorizasse a fazer-se respeitar, e um título académico ajudava-o a ser venerado.

Enquanto os mais novos, professores do II nível, estudantes do ensino médio, faziam para merecer respeito; os professores do III nível e ensino médio, estudantes do ensino superior, faziam-no por vaidade. Ainda no ensino médio, já os finalistas, às vezes, se intitulavam pré-doutores, contando com a sua entrada no ensino superior.

A dado momento, a Universidade Agostinho Neto começou a lançar os primeiros técnicos angolanos no mercado nacional de trabalho. E ao mesmo tempo, em empresas e em instituições do Estado, iniciou-se uma certa luta pelos cargos. Por conseguinte, teve lugar, deste modo, uma batalha, ainda que camuflada, mas perigosa, pelos postos de chefia, nos mais diversos órgãos ou organismos do Estado.

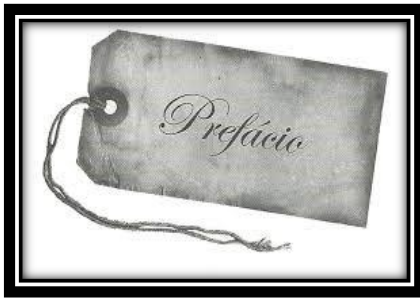
Recordar aqui que, no ano de Formação de Quadros e nos anos subsequentes, toda a estrutura ligada à formação era fundamentalmente dirigida por cidadãos da etnia Bakongo, o que permitiu que muitos cidadãos desta etnia, sem qualquer tendência tribalista no meu discurso, beneficiassem de bolsas de estudo e ingresso directo nas faculdades angolanas, ou melhor, na Universidade Agostinho Neto.

Feito este prefácio, espero ter conseguido desvendar um dos maiores problemas que enferma a

sociedade angolana, temendo que as futuras gerações deste país, que se quer desenvolvido, sustentável, a par de outras nações, venham padecer, ainda, desta doença.

Mário Tito

Luanda, 20 Junho de 2011



Finalidade do Livro

A finalidade que se aponta aqui visa tentar produzir história sobre a doutormania, vivida pela sociedade angolana, mas infelizmente não debatida nem pelos académicos, intelectuais, políticos ou dirigentes, nem pela sociedade civil. Se tivermos em conta de que a história é uma ciência de recolha, descrição de factos ou acontecimentos, ocorridos no passado, então esta narrativa é um dos factos sucedidos e que, entretanto, se arrasta até aos nossos dias.

Pretende-se demonstrar como é que determinadas etapas cruciais teriam impacto na identidade social, após a Independência nacional, já que a história é marcada com o regresso dos irmãos, vindos da República vizinha do Congo Democrático.

Construído num processo de oportunismo, e estilhaçado num cenário colonial societário, não rural, em ambiente urbano de personalidades "assimiladas", a doutormania tornou-se quase uma organização, como se de um clube se tratasse, com status próprio, posto que não eram só os desconhecedores de tal prática, mas também aqueles que, com consciência, o praticavam, detentores já de títulos de licenciado e de mestre.

Esta prática tem representado, tanto a complexidade sociológica da sociedade angolana colonial e da pós-colonial (independente), quanto o reflexo da dispersão na formação de elites, que virão a constituir a sua estrutura central, quer académica, quer política, etc..

Da conceptualização (marcada) da doutormania, apontemos alguns traços característicos, tais como: (i) discriminatório nos ambientes em que é aplicada; (ii) destruidor de carácter, de quem se matricula neste clube; (iii) destruidor de competências.

Estes traços característicos, aqui expostos de forma somática, nas diversas áreas da sociedade angolana, enfermam, sem dúvida, o nosso país. De outro modo, como se explicaria uma sociedade com muitos doutores; porém, sem soluções para os tantos problemas de ordem social, económica e tecnológica, que o país apresenta?

No caso específico da longa crise que Angola vem somando, deste 1975, nas áreas sociais (educação e saúde), para não alargar o leque de áreas, as consequências da gestão personalizada, da dispersão geográfica das frentes de ataque, e a ausência de uma doutrina dorsal para as devidas correcções, constituem os pontos de partida e de chegada da presente reflexão.



Terá havido algum facto que serviu de catalisador para a doutormania?

Ao longo de toda a minha carreira como docente universitário, sempre me debati com um problema, daqueles complexos, relacionado com síndrome da doutormania. Das minhas buscas de informação, chego à conclusão de que se trata de uma matéria cuja discussão especializada vai mundo, até ao momento, adiada, mesmo constatando-se o efeito desastroso daí decorrente, do ponto de vista de comportamento. Pelo menos são conhecidas as atitudes relacionadas com uma imposição classista de que Ritos indivíduos têm de ser o que não são, com grande imperatividade: é um problema problemático de ser chamado de doutor, mesmo sem o ser.

A este tipo de atitude complexa, relacionada com a euforia de ostentar indevidamente categorias académicas, embora elas existam, chamei-o de 'Patologia académica. Sobretudo os que interpretam, de forma directa, os insultados e a optimização do processo da mania de ser

chamado de dou-bit, incluindo, em antítese, os factores que inibem o sucesso profissional, do suposto detentor de um background, sejam eles de índole social, sejam eles de índole biológica.

Sempre pensei e sigo pensando que as aprendizagens de qualquer conteúdo não são um estado mas sim, um processo, no qual intervêm diversos factores, segundo afirmou o Professor Azancot de Menezes, no seu livro "Reflexões sobre Educação", publicado em 2010.

No presente livro, "Doutormania: uma patologia académica", e na minha qualidade de docente, com referências neste campo profissional, além disso, conhecido que sou também no campo da gestão e liderança, no Instituto Superior de Ciências de Educação da Huila, defendo que é urgente agir para o bem das futuras gerações.

Na senda da reflexão sobre a doutormania, partindo do pressuposto de que a doutormania é já um facto real e, portanto, algo patológico, devendo por isso, merecer a devida atenção por parte dos guardiões da moral e da ética. Note-se que este assunto se relaciona com problemas de carácter sério mesmo identificado como sendo uma real manifestação de inferioridade, o que leva a que determinadas pessoas tratem de se defender de algo que os fere, quer de forma endógena, quer de forma exógena.

A história (clássica e contemporânea) demonstra que muitos são os líderes que utilizaram o termo ditadura bem como outras formas de r pressão dos seus compatriotas e não só, e ainda o fizeram utilizando como uma ferramenta de autodefesa contra algo poderiam enunciar o seguinte: medo de perder cargos, receios de superação, imposição d vontade própria sobre algo ou alguém, ou evitar descobertas de acções ilícitas, ou ainda, constituir-se em sombras para alguém.

Com efeito, proponho que, na visão da nova realidade sociopolítica que o novo Estado quer imprimir em Angola, se crie um conjunto de iniciativas com vista a desmistificar, ou mesmo, anular este tipo de atitude, que só vem além de enfermar a sociedade angolana, com comportamentos negativos, perigar as competências, o que, de certo modo, vem limitando as novas gerações, quando confrontadas com o real desempenho de tarefas adstritas, no que às exigências de um verdadeiro doutor, ou simplesmente Ph.D., diz respeito.

Um outro assunto que se aborda neste livro é a questão inerente a práticas doentias que estão na base de níveis altos de competitividade que nos impõe a Aldeia Global.

2 Sobre a doutormania o que dizem os íntelectuais?

É verdade que escrever um livro com este teor, visando alcançar um grupo de indivíduos, quer seja de forma directa, quer seja de forma indirecta, sobre urna matéria muito polémica é, na sua abordagem, muito limoso. Contudo, qualquer que seja a penosidade, justificar-se-ia pelo exercício intelectual como sendo o de promover reflexões orientadoras e promotoras de práticas positivas e necessárias para o desenvolvimento sustentável do país.

Neste sentido, dever-se-á aspirar como riqueza a produção de conhecimento científico e técnico em detrimento de qualquer crescimento financeiro à custa da exploração (tão-somente) desmedida da Natureza. Um Indivíduo intelectual não se mede pelos títulos académicos que ostenta senão pela sua capacidade de produção e inovação do conhecimento e da técnica que resulte na

melhoria substancial e significativa da condição de vida das pessoas à sua volta.

Um país que se empenha com o intuito de procurar alcançar altos níveis de desenvolvimento humano deve sempre pautar por acções que promovam boas práticas, bons comportamentos e atitudes, o que significa que, à partida, se impõe a fixação de um conjunto dos valores. Aliás, o termo vai é, tal como sabido, polissémico e, por isso, muitas vezes controverso. Sua abordagem toma contornos diferentes em função dos diversos prisma de análise, além de espaços geográficos e/ou culturais. Ou seja, o que valor em economia, tal não é, por exemplo, em sociologia. E aquilo que f um dado valor social em Angola, provavelmente não terá a mesma aceitação e compreensão num outro país. Se, na cabeça de muitas pessoas, doutormania é um valor; porém, na cabeça de outros como eu não o é.

Nestes termos, valor encerra uma grande dose de subjectividade na sua abordagem em qualquer prisma ou âmbito de análise.

O interesse por criar capital humano local deverá passar pela criação e fixação de um conjunto de valores em correspondência com a nova co juntura política, social, financeira e económica do país. Sendo certo que o resgate de valores tal com se apela não proporcionará, de todo, a base de reconstrução, ou mesmo, construção do homem

novo, considerando por conseguinte, a dinamicidade com que a vida se caracteriza, além das transformações que a própria natureza vem sofrendo sistematicamente.

Neste quadro de ideias, não tenho dúvidas de que a doutormania e nada contribui para o desenvolvimento que se pretende. Esta patologia académica encerra "uma vontade de quer ficar pelo não ser". E este é que é o grande problema: o de viver de aparências e acomodar-se. À luz da experiência de algumas instituições de ensino superior, por exemplo, não foram poucas as situações em que se apelava ao contributo de doutores em determinados processos académico-científicos aos quais os indivíduos pacientes da doutormania não respondiam, em consequência das vaidades académicas.

A título de exemplo, determinada instituição A precisou de doutores Bilra coordenação de projectos de investigação científica, projectos de implementação de formação pós-graduada, para integração em júris face à possibilidade de abertura de concursos públicos de acesso e ingresso nas categorias de Professor Auxiliar, Professor Associado, Professor Catedrático, Contudo, para a "surpresa" de muitos, o que é certo é que tal instituição fio tinha um doutor sequer. Ou seja, os seus docentes eram, na sua maioria-licenciados, e os restantes eram apenas

mestres. É sabido que, nesta situação, estão outras instituições de ensino superior.

S Pensamento de RAJD versus Doutormanía

Confesso que me foi muito difícil entender esta matéria que, já há muito, mexia e vem mexendo com a minha intelectualidade, muito mais na Condição de pedagogo, ao ter recaído sobre mim de forma apical, por dois motivos: primeiro, por ser um assunto assumido por diferentes entidades esclarecidas, desde o ponto de vista académico e não só; *como é que um profissional de qualquer área do saber, aceita que lhe chamem de doutor, irem que seja detentor de tal título?*

Por interesses não esclarecidos, referidos nas notas do Mário Tito, no início deste livro, quando pensei nesta matéria, reconheço ter ficado perplexo, pois achava que não era altura de, nos anos 2009, manifestar já o desejo de esclarecer o dano que se avizinhava com esta prática, pois o facto de haver, na altura, pouca abertura para o debate crítico sobre a vida em sociedade, nos seus mais diferentes âmbitos, com o sentido de contribuir para melhorar o que estava e está mal e, por isso, perigoso pessoalmente

preferi manter-me em silêncio estratégico, embora soubesse que tal matéria ou assunto fosse de grande valor para as novas gerações. É verdade que, até à certa medida, tocar num assunto que viria a ser contundente, a espreitar nas pessoas lesadas (altas figuras do aparelho do Estado, familiares de elites preferenciais, políticos, governantes, quer provinciais, quer municipais e comunais, empresários e influentes membro da sociedade civil), correria eu um grande risco, o de vir a ser desacreditado, embora os factos falassem por si.

No prefácio desta obra, de modo muito panorâmico, o meu amigo colega Tito procurou dar conta da génese da doutormania. O leitor terá de perceber este fenómeno não como uma repulsa ou desagrado por algum motivo pessoal, mas simplesmente como uma contribuição de um académico. Tal prática, reitero, enferma não só a sociedade, mas também a nossa cidadania jovem, e muito mais em países como o nosso, onde os desafios para sair do estado de subdesenvolvido (pobreza, miséria, analfabetismo, imigração, etc.) requerem, com urgência, altos níveis de competências e habilidades no saber ser e saber fazer. Para tal, impõe-se assumir mudanças e pautar por uma atitude mais responsável.

Provavelmente muitos dos leitores deste livro, pacientes desta patologia, "a doutormania", dirão que eu sou curioso e que devo estar obcecado por algum motivo. Afirmando que sempre estive seguro de que o faria um dia,

depois de alcançar o título de doutor. Aliás, como um indivíduo que esteja na mesma condição de licenciado, teria o desprazer de focar tal matéria? Por isso, quero fazê-lo nesta nova posição, e gravado em uma obra escrita.

Lembre-se de um adágio popular que diz: "Os homens morrem, mas as obras ficam". É isto mesmo que desejei fazer: deixar uma contribuição, para a mudança de mentalidades dos angolanos, pois, ao que se vê, os nossos patriarcas, os mais velhos que lutaram pela independência, interessaram-se, sobretudo, em mudar o status de infra-estruturas.

Note-se que, na implementação desses programas, sempre estiveram os senhores doutores:

- Então o que faltou?
- Diagnósticos?
- Controlos?
- Avaliação?
- Acompanhamento?
- Foi falta de vontade política?
- Ou simplesmente por falta de competências?

São muitas as perguntas que poderiam ser feitas, pois são passados já mais de 40 anos de independência. Algo se põe como constrangimento.

Nas suas passagens, o Tito afirma que o Ray seguia falando muito, mas não era só falar muito, pois, tinha eu a necessidade de pôr a descoberto algo que, efectivamente, me intrigava, num país novo, recém-independente, com

necessidades em relação a uma bolsa de verdadeiros detentores do título científico-académico mais avançado, o de doutor.

Recordo-vos que o grupo de jovens (de ex-colegas, antigos estudantes dos lares do INE e Engels), ao qual pertenço, fez uma transição de dois períodos bem diferentes: do colonial ao pós-colonial, ou simplesmente, independente. E foi uma transição bem marcada. Pelo menos, na esteira da discussão sobre a doutormania, duas questões não se querem calar:

- Onde se tinham formado os novos doutores, se, em Angola, nível mais elevado era oferecido nos liceus, em Luanda, no Liceu Salvador Correia; e em Sé-da-Bandeira (actual Lubango) no Liceu Diogo Cão, cujos anos cimeiros de frequência de Curso eram até ao 7.º?

- Quem é, realmente, um doutor, um mestre e um licenciado?

4 O que nos ensinam os conceitos?

Antes de responder a esta pergunta, é, de todo necessário que se revise a noção de conceito. Este termo tem a sua origem no étimo latino "conceptus" (do verbo *concipere*), que significa "coisa concebida", ou formada na mente". Por conseguinte, pode ser uma ideia, um juízo ou opinião sobre algo ou alguma coisa. Esta discussão começou, porque eu tive de Introduzir palavras diferentes, nesta obra, consideradas de relacionamento aberto.

O conceito é, pois, aquilo que se concebe no pensamento sobre algo ou ninguém. É a forma de pensar sobre algo, consistindo em um tipo de apreciação, através de uma opinião expressa, por exemplo, quando se forma um bom ou mau conceito de alguém. Nestes casos, o conceito pode ser inerente ao conceito de reputação. Contudo, pode ser interpretado, ainda, como um símbolo mental, uma noção abstracta, contida em cada palavra que uma língua e que corresponde a um conjunto de características comuns, numa classe de seres, objectos ou

entidades abstractas, determinando tal modo as coisas o são.

Na verdade, o termo conceito reúne as características de uma unidade de conhecimento. Compreendido num dado sistema de conceitos, pertencente a uma área do saber.

É, pois, no âmbito da mente em que reside o conceito. Aliás, em filosofia, o termo conceito consiste em uma representação mental. A sua forma linguística recebe o nome de termo. Com efeito, o termo designa o conceito.

Quando contemplado como essência, um conceito define a natureza de uma entidade. Para os patriarcas da filosofia, Aristóteles especialmente, conceito era comparado ao *eidos* e, de acordo com a lógica aristotélica, conceito é a forma mais básica de pensamento (um conjunto com o juízo o raciocínio), sendo a representação intelectual abstracta de um objecto.

Neste sentido, entendendo a "doutormania" como sendo "a mania ser tratado por doutor não o sendo", seria um conceito passível de análise na área da psicologia; mas não só: por que não na sociologia igualmente como sabido, a psicologia, enquanto uma disciplina científica, centra no debate sobre comportamentos, processos mentais ou consciência; passo que a sociologia, também como disciplina científica, é na acção social que se centra. O comportamento humano é também um elemento integrante do seu objecto de análise. Considere-se o facto de ela

estudar realidades sociais, relações e comportamentos que os homens estabelecem entre si.

Toda essa referência à psicologia e à sociologia vem a propósito da necessidade de, em jeito de proposta, proceder-se ao enquadramento da doutorância num sistema de conceitos. O termo sistema de conceito vem dar conta de um conjunto de conceitos relacionados entre si e que pertencem a uma dada área do saber especializado.

Caros leitores, quis eu citar, na íntegra, o significado de conceito. Espero poder convencer a todos de que não pretendo, com o termo doutorância, ofender quem quer que seja, senão (e tão-somente) contribuir para um certo esclarecimento que se impõe, no que a este assunto diz respeito.

5 Descodificando um enigma Académico

Lembre-se que, em Angola, a instalação de estudos universitários remontam a 1940. Em 1962, o governo português promulgou o Decreto-Lei Neste sentido, entendendo a "doutormania" como sendo "a mania nº 44 530, de 21 de Agosto, que criava os Estudos Gerais Universitários de Angola e de Moçambique. Após seis anos, através do Decreto-Lei n.º 48 790, de 23 de Dezembro, os Estudos Gerais Universitários de Angola Moçambique passaram a designar-se por Universidade de Luanda e Universidade de Lourenço Marques respectivamente. Retomarei este assunto mais adiante.

Reitere-se que, no período colonial, o acesso ao ensino superior era de difícil acesso por pessoas que não pertencessem à classe social alta, razão por que havia poucos angolanos com formação superior. Em 1976, na Era da Independência Nacional, foi criada a Universidade de Angola, que por muitos anos se manteve como a única instituição de ensino superior. Em 1985, esta Universidade passou a designar-se por Universidade Agostinho Neto, abreviadamente UAN, em homenagem ao primeiro

Presidente da República Popular de Angola e seu primeiro Reitor, após a Independência, de 1976 a 1979.

Recuando, porém, um pouco no tempo, numa entrevista conduzida por David Mário e Rafael Casseca (publicada na página Web da Agência Angola Press, a 1.º de Dezembro de 2007), o então Presidente da Assembleia Nacional, Roberto de Almeida, referia que "a grande divergência política entre os movimentos nacionais e a potência colonizadora em Angola, asai como a incerteza em relação ao futuro do país, levaram à fuga em mas de quadros portugueses na véspera da proclamação da Independência Angola, em 1975". Contudo, a fuga em massa não foi apenas de quadros portugueses, sendo certo que, de igual modo, muitos angolanos optara partir. Este episódio assistiu-se, ainda, até aos anos 90.

Este incidente provocou a que se instaurasse uma gritante escassez de indivíduos detentores de altos títulos académicos. Tal como tudo, face à necessidade de construção do país, ergueu-se como bandeira uma e pressão sábia dos anciãos, segundo os quais se pode ensinar em qualquer espaço que se encontre vazio. As tendências das pessoas são, em primei lugar, observar de quem é o espaço. Caso não apareça ninguém como proprietário, joga-se lixo no espaço. Em segundo lugar, coloca-se sobre ei algum objecto como sinal de pertença ou pretensão de ocupação. Fina mente, o espaço é, definitivamente, ocupado.

Hoje somos todos doutores! Sendo que muitos não apresentam (o indicam), ao menos, um colega com quem tenham partilhado a universidade, a faculdade ou instituição de formação superior, ao que eu, co fenómeno, chamei de "coleguismo".

6 A mania de quer ser chamado de doutor

Este assunto, reflectido em comportamentos e/ou acções traz, por si consequências drásticas ao espectro social, fundamentalmente de um país a caminho de meio século de existência — sendo já um pequeno adulto que se quer reafirmar no contexto das nações. Ora, para que o país se desenvolva realmente, é necessário que se saiba quem é quem, ou seja, pautar-se por práticas de coerência, honestidade, humildade. É perigoso 'piando, num contexto qualquer que seja, um indivíduo se faz passar por expoente académico, como se de uma mercadoria se tratasse.

Em boa verdade, não se faz um país só com doutores, são necessárias outras atribuições intermédias, quero referir-me aos cursos profissionais: electricidade, carpintaria, serralharia, enfermagem, etc.,. Aliás, sem querer ler saudosista, lembro-me da experiência das escolas de artes e ofícios, ou simplesmente "escolas-oficinas", no tempo da outra senhora.

Afinal, que diferenças há entre um doutor e os demais titulares de graus académicas,- mestres e licenciados, ou ainda, de outra formação superior? A resposta a esta pergunta é simples, porém, pode tornar-se um grande

problema, quando já evolui para aquilo que eu designo aqui por patologia académica.

Incessantemente, através de técnicas de análise bibliográfica, procurei por uma obra bibliográfica que retractasse este tipo de patologia académica. Entretanto, tal como já tinha referido anteriormente, não encontrei. Ainda assim, algo me podia valer nomeadamente alguns contos retratados co factos sociais, uma vez que eu e os meus contemporâneos somos, particularmente, testemunhas deste fenómeno, ao que chamo de doutormania Digo nós em relação aos que frequentaram a Escola Marques de Sá da Bandeira, o Liceu Diogo Cão. Podemos, com efeito, reafirmar o que já havia sido dito pelo Mário Tito, quando se referia à expressão "stor".

Uma vez mais, encontro nas palavras de Roberto de Almeida informação imprescindível para esta reflexão. Assim foi num artigo do Diário da República de Angola, de 22 de Maio de 2015, no qual, agora nas vestes de vice-presidente do MPLA, fazia um enquadramento da problemática das competências dos quadros no desempenho das suas funções.

O referido pronunciamento teve lugar no "encontro de quadros", realizado em Luanda, tão claramente como se eu. Na qualidade de autor da presente obra, tivesse tido uma conversa com aquela individualidade.

Na unidade temática que se segue, procurei esclarecer o ponto no qual reside a minha perplexidade quanto à questão:

1. O que é realmente, um licenciado?
2. O que é, realmente, um mestre?
3. O que é, realmente, um doutor?

7 As diferenças entre Monografia dissertação e tese

Os termos (i) monografia, (ii) dissertação e (iii) tese fazem parte do inundo académico, mas a questão aqui é: Sabe-se, efectivamente, o que diferencia um do outro? Note-se, primeiro, a similaridade entre eles. Pelo menos, eles nomeiam o trabalho de conclusão de uma determinada formação ou curso académico de nível superior, requisito que se impõe para que o proponente obtenha o título académico correspondente, ou de licenciado, ou de mestre ou, ainda, de doutor.

O termo monografia designa um trabalho académico lato senso; enquanto a dissertação e a tese são trabalhas *strito senso*. A monografia é um estudo apresentado para conclusão dos cursos de graduação (especialização e MBA), no Brasil. Em Angola e, no caso particular, no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da Huila, este tipo de trabalho é, como disse atrás, o requisito de componente não lectiva, indispensável para conclusão do curso de graduação ou, simplesmente, licenciatura e, como tal, também se chama trabalho de fim de curso

(abreviadamente denominado TFC). Logo, neste sentido, mediante apresentação e aprovação do mesmo, só assim, o indivíduo recebe o título de licenciado.

O termo dissertação designa um trabalho do qual não se exige, para já, resultados académicos inéditos, assim como a monografia. Porém, a sua etimologia deixa claro que, na dissertação, é abordado um tema, de modo muito bem fundamentado, obedecendo a uma rigorosa metodologia. Este tipo de trabalho é também o último requisito exigido para a conclusão de um curso de mestrado. Caracteriza-se pela contribuição que o proponente oferece às comunidades.

As dissertações são incentivadas a incorporar materiais de pesquisa empírica (entrevistas, observação participante, etc.) e não apenas uma reunião ou compilação de livros, artigos conhecidos, sobre um dado assunto temático. Neste sentido, mediante apresentação e aprovação da mesma só assim, o indivíduo recebe o título de mestre.

Finalmente, a tese prima pela originalidade do tema (devendo ser explicitamente inédito) e é resultado de uma investigação complexa e aprofundada. É a resposta a uma pergunta, obtida a partir de uma exaustiva pesquisa e trabalho científicos. Logo, neste sentido, mediante apresentação e aprovação da mesma, só assim, o indivíduo recebe o título de doutor.

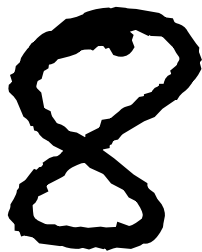
Todos estes trabalhos têm características próprias, como já o afirmei, por isso, a instituição de ensino deve disponibilizar, por meio de regulamentos específicos, directrizes para a sua execução. O outro ponto importantíssimo, que não deve ser esquecido, é o papel do orientador, como guia, a quem compete mostrar o caminho ao seu orientando (estudante), nesta tarefa árdua, porém, recompensadora.

Nos termos da Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, n.º 17/16, de 7 de Outubro, relativamente à estrutura do sistema, o ensino superior é um nível de ensino (cf. art. 17.º, n.º 3). E, no seu subsistema, integra quatro níveis, sendo dois de graduação (bacharelato e mestrado) e dois de pós-graduação. Assinale-se que, ao nível de pós-graduação, distinguem-se entre categorias académica e a categoria profissional. Nesta abordagem, atendo-me à categoria académica, por ser esta a que compreende níveis de mestrado e de doutoramento. Ao passo que a outra categoria confere grau académico.

A propósito, aproveito realçar a diferença que se põe entre grau e título, sempre que se pretenda o seu uso, com o devido rigor terminológico. Assim, grau académico está para (i) bacharelato, (ii) licenciatura, (iii) mestrado e (iv) doutoramento; e título académico está para (i) bacharel (abreviadamente denominado Bel.), (ii) licenciado (abreviadamente denominado Lic.), (iii) mestre (abreviadamente

denominado Me. ou M.Sc.) e (iv) doutor (abreviadamente denominado Dr. ou Ph.D.).

Tem sido muito frequente, estudantes e professores empregarem, aleatoriamente, estas formas de tratamento. Havendo mesmo quem defenda que doutor, por extenso, designa o indivíduo doutorado; e a abreviatura correspondente designa o indivíduo bacharel, licenciado ou mestre. Na verdade, trata-se de uma compreensão que se insere no escopo do presente livro: a doutormania.



A génese da doutormania

Note-se, por conseguinte, o livro profético, a Bíblia. Ela tem como o primeiro livro o denominado livro de Génesis. Para o caso em análise, trata-se de desvendar a génese da doutormania. Esta patologia apresenta-se como fenómeno social. Tem a sua razão de ser; todavia, é estranha nas sociedades mais avançadas, pois, não existe nenhum registo deste fenómeno, pelo menos em enciclopédias de literatura ou dicionários.

A doutormania terá surgido supostamente nos meados dos anos 70 século passado ou ainda, início dos anos 80, com as novelas brasileiro e com as diferenças económico-sociais que se vislumbravam nos poucos quadros angolanos que tinham um certo nível escolar, estando muitos deles a frequentar, já na altura, o antigo 7.º ano dos liceus. Tal como o refe Mário Tito (cf. p. xvii).

Definitivamente entenda-se por doutormania, partindo de um prisma psicológico clínico, como sendo uma patologia, que se manifesta por cor portamentos de inferioridade, o que faz com que um indivíduo aceite, e não só, mas se reafirme e se assuma a si próprio, com tal

forma de tratamento De outro modo, analisando os constituintes mórficos deste termo, percebi se que se trata de alguém que tem a "mania de que se lhe chamem doutor".

O termo "mania" denota algo de ordem psico-comportamental. Existem diferentes formas de "maniar-se": fazer caretas, dizer palavrões, ser manhoso, "dar olhadas", mentir, refilar, etc.. Em Angola, esta prática é frequente nas ruas, nas instituições públicas ou privadas. Neste contexto, somos todos doutores. Recordo-me de ter sido interpelado com esta mesma questão, no estrangeiro, por académicos, perguntando o que se passava com o nosso país, pois, a informação que se tem é de que nós temos j muitos quadros doutorados (Ph.Ds.).

Na actualidade, muito se fale de necessidade de se reflectir sobre a universidade. Diversas vozes e organismos reclamam um sério debate, muito profundo sobre a universidade.

9 A intelectualidade em Angola. A grande viagem do ensino superior em Angola

O ano de 1979 foi designado pelo Comité Central do Partido MPLA como o ano da "formação de quadros", sob um lema que visava massificar a formação superior, tendo como foco a juventude da então "República Popular de Angola", como se de um sentido patriótico para o estudo e, conseqüentemente, para a formação de quadros de nível superior se tratasse, com objectivos claros de suprir o déficit provocado pelo regime colonial.

Com base no Boletim Municipal de Sá da Bandeira, no ano de 1962, recorde-se, deu-se a criação dos Estudos Gerais Universitários de Angola integrados na Universidade Portuguesa e, por força do Decreto-Lei n.º 44530, de 21 de Agosto, surgiria o embrião do ensino superior público. É verdade que poderia e era uma das grandes conquistas do nacionalismo revolucionário.

Contudo, uma certa elite de angolanos tomou de assalto as possibilidades conducentes à frequência das melhores universidades do mundo, propriamente nos

países mais desenvolvidos como, por exemplo, nos Estados Unidos da América no Reino Unido, na França e na Bélgica entre outras paragens. Os indivíduos menos favorecidos, como forma de camuflar (encobrir) essa cruel realidade, ou seja, os não pertencentes às caixas das elitistas, estes ficaram fora do baralho, tendo sido enviados para outros destinos considerados menos abonatórios.

A partir daí se foi assistindo ao afunilamento da intelectualidade Angola e não só. Recorde-se que, lá para os anos 80, 90, uma viagem social de escala global se fez sentir naqueles países de linha comunista com ela a nefasta possibilidade de acreditação de quase todos os quadros técnicos, vindos daquelas paragens, em detrimento dos outros que tinham sido formados no Ocidente, ou seja, nos países desenvolvidos.

Em que consistiu o afunilamento da intelectualidade de todos aqui que vinham dos ex-países comunistas? Como se de uma tinta indelével tratasse, quase todos os quadros vindos daquelas paragens eram com os com "Incapacidade", ou fraca possibilidade intelectual. Lembrome factos, pois eu próprio sofri tais estigmas Expressões como, por exemplo "os formados no país A e no país B não sabem nada...", afirmação que mais tarde, veio ser posta em causa.

Uma grande percentagem de quadros que asseguraram os ministérios da Educação, Saúde, Planeamento e tantos outros, eram vindos dos países A ou

B, tendo sido capazes de evidenciar as suas potencialidades intelectuais. Então de onde teria vindo essa máscara qualificadora de que "não sabem nada?" era o princípio do fim. Havia que descontinuar esta propaganda, tão danosa.

Foi nesse ambiente em que surgiram as instituições de ensino superior no país. Uma vez mais, quero fazer recordar que foi o Decreto-Lei n. 48790, de 23 de Dezembro de 1968, que determinou a transformação dos Estudos Gerais de Angola naquilo a que se veio denominar Universidade Luanda.

Em 1976, um ano após à Independência de Angola, a Universidade de Luanda sofreria outra transformação, desta vez, tomando o nome de Universidade de Angola, ao abrigo da Portaria n.º 77-N76, de 28 de Setembro. Em 1985, a 25 de Janeiro, a Universidade de Angola sofreu uma outra transformação nominal, deixando uma porta de passagem de Universidade de Angola para chamar-se de Universidade Agostinho Neto (UAN), em homenagem ao primeiro presidente da Angola independente e, automaticamente, o primeiro reitor da mesma, ao abrigo da Resolução n.º 1/85 do CDS, DR 9-1.º série, 2811/1985, finalmente passaria a chamar-se de Universidade Agostinho Neto.

Outra transformação nominal, deixando uma porta de passagem de Universidade de Angola para chamar-se de Universidade Agostinho Neto (UAN), em homenagem ao primeiro presidente da Angola independente e,

automaticamente, o primeiro reitor da mesma, ao abrigo da Resolução n.º 1/85 do CDS, DR 9-1.º Série, 2811/1985, finalmente passaria a chamar-se de Universidade Agostinho Neto.

Foi, portanto, nesse contexto histórico-situacional em que surgiu o Instituto Superior de Ciências da Educação, ISCED do Lubango, como sendo uma unidade orgânica daquela que, até ao ano de 2009, era a única universidade pública de Angola, e o ISCED do Lubango era adstrito ao Centro Universitário do Lubango, até precisamente Abril de 2009.

Traz-me à memória um passado, ainda no tempo colonial, em que já os "profes", como também eram chamados nas lides da docência, sendo que, sobretudo, a partir do ensino secundário, eram tratados de "stor", o que abreviadamente significava "senhor doutor". E presumia-se que a maioria dos docentes, a partir daquele nível, ou já possuía formação superior, ou estava inscrito e pronto a fazê-lo. No entanto, com o passar dos tempos, tal como diz um adágio: "Em terra de cegos, quem tem um olho é rei". Eu diria que, num país onde a taxa de analfabetismo funcional gera uma grande preocupação, a "doutormania reina".

Esta reflexão deriva de fados, pois, não há nada escrito em bibliografia científica, por isso, tive como base as vivências e observações feitas meu dia-a-dia. A doutormania foi muito bem "alimentada" no seio dos docentes regressados da vizinha ROC, ex-Zaire. Atenção a uma afirmação meu colaborador, amigo e colega, Mário "rito, segundo o qual, já naquele tempo, imbuído no espírito de evolução e visão congolésas. em 1960 com algumas evidências de "negócio", sobrevalorizavam-se os títulos académicos o que permitia arranjar e alcançar uma posição de destaque no aparelho do Estado, ou um estatuto que permitisse ascender a cargos públicos em detrimento das competências conferidas pelos referidos títulos.

Enquanto os docentes mais novos buscavam um protagonismo soei na qualidade de estudantes do ensino médio; os estudantes do ensino superior viriam a ser os grandes protagonistas da acção da "doutormania que, por vaidade, e sem escrúpulo, fundamentalmente os vindos do out lado, instalaram, assim, um hábito. Diz um adágio popular que "o hábil faz o monge". Aliás, enquanto este não estiver vestido com a sua batina ninguém saberá se é ou não monge. Actualmente, os conceitos sofreram uma certa evolução. A forma de tratamento "stor" passou a denotar o pré-doutor, forma com que se trata um estudante de graduação (isto é, de formação superior); a abreviatura 'Dr. forma com que se trata um licenciado ou mestre, ou

ainda, um indivíduo, política ou economicamente bem-sucedido; e doutor, por extenso, como sendo a forma com que se trata o indivíduo que concluiu um curso ou programa doutoral.

Nesse período, saliente-se que não era usual falar-se de bacharel, título daqueles quadros que tivessem concluído o 3º ano e, conseqüentemente, praticantes do exercício de professor, com ou sem agregação pedagógica assumindo o poso de um Ululo que lhes viria a transfigurar, desde o ponto de vista da idoneidade e humildade acadêmica, calando-se perante tal tacto acoitaram que lhes chamassem de doutores.

10 *Transformação da doutoromania Em um facto aceitável pela Sociedade Angolana*

O tempo não para e os fenómenos sociais tendem a transformar-se à velocidade da luz. Todos ou quase todos os factos irreais também se transformam. A doutoromania não está à margem desta ordem.

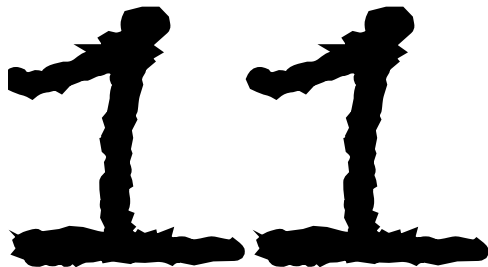
A Universidade Agostinho Neto, detentora do poder académico durante quase três décadas, mostrou-se ter dado alguma preferência à formação fundamentalmente nas áreas das ciências jurídicas e económicas, o que favoreceu a uma luta pela ocupação de lugares de chefia, tendo em conta a componente académica como requisito essencial, ignorando-se, na nossa recente história de país, recém independente, a fuga massiva de quadros e o enfraquecimento do tecido socioprofissional daí decorrido.

Iniciou-se, por conseguinte, uma verdadeira odisséia como que de uma derrapagem se tratasse, acondicionada por este fenómeno camuflado, muito perigoso, nas mais diversas esferas de direcção de organismos do jovem Estado angolano. Evidentemente as consequências seriam inevitáveis. Falhas tremendas de níveis de competências dos quadros que eram empossados no aparelho do Estado,

sentindo o engendrar de falta de capacidades da maior parte daqueles que haviam adormecido ao som da doutormania.

Recordar aqui que, no ano de "formação de quadros", e nos anos subsequentes, toda ou quase toda a estrutura ligada à direcção das políticas de educação como sistema era dirigida por compatriotas nossos da etnia Bakongo; e muitos deles regressados da vizinha República Democrática do Congo onde, por motivos da fatalidade da guerra, nos anos 60, se refugiaram, para salvaguardar as suas vidas, ou a dos seus progenitores naquelas paragens.

Gostaria de citar alguns nomes porém, fui aconselhado a não fazê-lo de qualquer forma, são individualidades que poderiam servir de exemplo sobre o grande impacto que eles tiveram na doutormania.



Gravatalismo versus doutormania

Um outro termo, enigmático, que eu uso na sequência da minha tese sobre a doutormania é o gravatalismo. Tal como se pode verificar, outra ideia que vem camuflando as competências está ligada à forma de se apresentar. Entretanto, não pretendo passar a ideia de que sou contra as diferentes formas estéticas de cada personalidade, pois que um dos princípios de um líder a ter em conta, na sua área de actuação, é a observância da sua apresentação. Porém, este pressuposto só confundirá os menos atentos, podendo gerar uma atitude desonesta. O bom atavio deve, pois, fazer parte dos princípios do professor, seja ele licenciado, mestre ou doutor.

Referindo-se aos do colarinho branco, no Brasil, dizia um conhecido músico, Bezerra da Silva, defensor da luta contra a corrupção: "O ladrão não está aqui no morro, está lá em baixo, atrás da gravata e do colarinho!...". Este tipo de conceptualização focaliza individualidades que praticam actos de corrupção e buscam como "bode expiatório" os miseráveis, no morro do Brasil.

Em Angola, um fenómeno idêntico produz-se através do gravatalismo. Afinal quem é quem? O verdadeiro doutor, pelo facto de ter sofrido para conseguir um doutoramento, a natureza muda o seu carácter, de tal forma que, como já conquistou mesmo um título, exclusivo para os que podem, se torna humilde.

A propósito, lembro-me de uma lição das Escrituras Sagradas, no livro de 1.3 Samuel, segundo a qual "os que se humilham serão exaltados, e os que se exaltam serão humilhados". Em boa verdade, tal como bem sabido, a competência não reside na gravata, a competência tem a ver com o saber, saber fazer e saber estar.

ISCED Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla

Torna-se necessário trazer a debate o caso Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, então ISCED do Lubango, um verdadeiro pilar do ensino superior em Angola, tal como já é sabido. Esta instituição faz uma grande diferença, na medida em que é herdeira de uma grande responsabilidade social, económica, política, no que à continuidade de formação de quadros para o país diz respeito, sobretudo no que tem que ver com a formação de formadores.

Como instituição de ensino superior esteve, até 2009, adstrita à Universidade Agostinho Neto, convertida numa mera unidade orgânica, ao invés de, já naquela altura, ter ocupado um lugar de destaque, devendo ser universidade pedagógica.

No âmbito do desenvolvimento sócio académico, ela protagonizava resultados altos, reforçando o status da Universidade Agostinho Neto. Recorde-se que o ISCED é,

em outros termos, a maior instituição do país cujo objecto social é a formação de formadores. Geralmente é também denominado "ISCED-mãe", sendo que dele derivaram todos os demais ISCEDs, espalhados pelo território nacional, a saber: o ISCED do Huambo, o de Luanda, o do Uíge, o de Cabinda e o de Benguela.

Numa única frase, escolas de formação de professores para o ensino médio (e não só) é o que caracteriza o ISCED da Huíla como sendo um âmbito propício para que se efectuem políticas de desenvolvimento do país. Infelizmente trata-se de uma instituição que foi infectada com o "vírus" da doutormanía.

Recorde-se que, em relação à trajectória do ISCED, de Faculdade de Letras para Instituto Superior de Ciências da Educação, ele viria a conhecer-se como o primeiro e o maior Instituto Superior, criado após a Independência nacional.

A seguir, note-se a informação que dá conta do quadro evolutivo dos perfis académicos dos seus docentes:

ANO	Doutorados		Mestres		Licenciados		Total		
	H	M	H	M	H	M	H	M	H+M
2002/2003	5	1	7	0	61	11	73	12	85
2003/2004	6	1	7	0	63	11	76	12	88
2004/2005	7	1	8	2	64	13	79	16	95
2005/2006	8	1	9	0	64	13	81	14	95
2007	11	3	24	4	39	12	74	19	93
2008	10	2	32	2	37	12	79	16	95
2009	10	2	32	3	45	8	87	13	100
2010	10	2	37	10	33	11	80	23	103
2011	10	2	41	10	37	13	88	25	113

Fonte: Dados do DAAC do ISCED-HUÍLA

Pelo menos, até 2011, o ISCED-Huíla apresentava um quadro com escassez de indivíduos doutorados. Entretanto, o tratamento por doutor era já inerente à função docente, independentemente de o indivíduo ser licenciado ou mestre apenas. Ou seja, tal como se pode verificar nesta matriz, a génese da doutormania no ISCED, de quadros efectivos, reflectidos na frequência que apresenta a coluna de doutores, desde 2002/2003, havia apenas cinco indivíduos do género masculino contra um do género feminino; em 2003/2004, havia seis do género masculino contra um do feminino; em 2004/2005, sete do género masculino contra um do feminino; em 2005/2006, oito do masculino contra um do feminino; em 2007, onze do masculino contra três do feminino; em 2008, dez do masculino contra dois do feminino; em 2009, dez do masculino contra dois do

feminino; em 2010, dez do masculino contra dois do feminino; o, em 2011 dez do masculino contra dois do feminino.

As condições técnico-académicas eram um campo de 'areia movediça que propiciaria condições objectivas e obvias para o início de um fenómeno tão dramático para o desenvolvimento dos diferentes sector e sendo poderiam alicerçar o arranque sustentável do ensino superior mas não assim feita a história. Actualmente, esta patologia até enferma os devi ministérios: todos somos doutores.

É verdade que, no tempo da outra senhora eram tratados por dou os médicos advogados; mas, de lã para cá tudo se homogeneizou. Até engenheiro (licenciado) é tratado por "engenheiro doutor'. Nas décadas posteriores á 2.' Guerra Mundial o crescimento da educação superior, quer dos Estados desenvolvidos, quer dos Estados Unidos da América. manteve-se por um compromisso público cada vez maior.

Durante esse período, os governos locais e estatais foram as principais fontes de financiamento das instituições públicas, pelo facto de que as tarifas tinham um papel relativamente menor do que as de hoje. Apesar de que os custos de qualidade do educação e investigação poderiam exceder os recursos disponíveis da maioria dos colégios e universidades, pelo menos dentro dos paradigmas actuais.

A par da euforia actual gerada por uma economia em decrescimento, muitos crêem que se avizinham tempos ainda mais difíceis, pois existem outras prioridades sociais como por exemplo, com os idosos, sendo um imperativo o cuidado a ter com a saúde, a alimentação e o bem-estar deles. Para esta camada da sociedade parece haver, infelizmente cada vez menos recursos.

Se não se mudar a maneira de financiar a educação superior, a combinação do incremento do processo de incompetências camufladas pela doutormania, a todos os níveis o áreas do saber, poderemos então vir a assistir e uma verdadeira crise.

A cultura "sem fins de lucro" da instituição de ensino superior pública (IESP) exige um plano de negócios diferente do que se encontra em empresas comerciais. A maioria das IESP depende das seguintes fontes de ingressos:

Matriculas dos estudantes:

Concepções e contractos de investigação

Ofertas e doações

Actividades de extensão (hospitais. residenciais e desportos).

Face a tudo isto exigem-se novas estratégias de contenção do gastos

- Contenção de custos;

- Administração estratégica dos recursos.
- Inovação através da Substituição tecnológica:
- Administração de qualidade:
- Readaptação do Sistema administrativo;
- Estratégias de crescimento Selectivo:
- Reestruturação da organização.

A disponibilidade e a atractividade de cada uma das opções atrás indicadas variam grandemente e dependem da natureza das instituições públicas. Será necessário este tipo de paradigma? Evidentemente sim, para fazer face as insuficiências que hoje marcam as instituições de ensino superior.

13 Os contagiados pela doutormania

Dos contagiados, muitos tiraram proveito disso para alcançar postos cimeiros na liderança de instituições ou organismos públicos, buscando obter favorecimentos (status social, financeiro, poder). Nem sempre é um compromisso social e humano o que contribui para o desenvolvimento das comunidades.

Tudo vale nesse jogo perigoso. Muitos ficam pelo caminho, mas outros ultrapassam a barreira. Geralmente a doutormania produz comportamentos atentatórios contra a boa convivência social. A arrogância, a petulância, a soberba, a vaidade exacerbada, todos estes traços que estabelecem entre si uma relação semântica muito forte, caracterizam o paciente da doutormania. Por contágio tão forte e avassalador, quando o indivíduo não detém um título superior, a forma que encontra de se impor socialmente é, às vezes, fazer-se valer pela sua idade, a ser o último recurso. É o Tio Fulano, a Tia Fulana, ou o Tio

Sicrano, a Tia Sicrana, que trabalha na repartição A, ou no departamento B.

Ao que parece haver da parte das pessoas um preconceito altamente deplorável. Tudo isto faz passar a ideia de que os títulos ou as formas de tratamento é que fazem das pessoas os profissionais mais competentes. Isto não é verdade. E não seria desprestigiante ou falta de respeito, falta de consideração, por alguém ser tratado apenas pelo seu nome ou por Senhor Fulano. Em boa verdade, reitere-se, a competência não reside nos títulos ou nas formas de tratamento mas sim, no saber, saber fazer e saber estar.

14

Consequências da doutormania'

Em linhas gerais, são apontadas algumas consequências desta prática, a saber:

1. Deturpação da realidade estatística global dos percentuais de verdadeiros doutores, quer a nível nacional, quer a nível internacional, principalmente as instituições das Nações Unidas, elas que velam pelas políticas de desenvolvimento em matéria de educação mundial;

2. Angola clama pela ausência de competências em diversas áreas do conhecimento (social, económica e política);

3. Má prestação de serviços no atendimento ao público, quer em instituições públicas, quer em instituições privadas;

4. Escudo de defesa da incompetência, usando a arrogância como estratégia de inibição;

5. Perda das profissões técnicas (carpinteiro, electricista, pedreiro, canalizador, agricultor, etc.) em detrimento da febre pelo ensino superior, a todo o custo, a luta pelo "canudo";

6. Interferência partidária, com a institucionalização de órgãos, tais como: "comités de especialidade em instituições públicas, isto é, por exemplo, comité de especialidade dos engenheiros, dos architectos, dos médicos, dos professores do ensino superior;

7. Integração obrigatória num CAP, como requisito para merecer confiança e indicação para o exercício de um cargo.

Os sete indicadores anteriormente designados são apenas uma amostra do que acontece no nosso seio. Angola tem de desenvolver um trabalho de triagem, visando o conhecimento exacto do perfil dos seus quadros, o que permitiria melhor aproveitamento e gestão dos mesmos.

15

Para não concluir...

Para não concluir é a forma que encontrei, de modo a deixar em aberto um assunto de elevado interesse social e económico. Pelo menos, gostaria de deixar um conjunto de pontos para efeito de reflexão, tais como:

A qualidade deverá ser intensificada no ensino superior e sustentada por modelos transparentes, de preferência por eleição de membros-avaliadores de diversas áreas de investigação e cursos,

- Os modelos de gestão e a própria gestão, em presença de competitividade e de mercado, poderão assegurar que o investimento do Estado no ensino superior público e privado se tome reprodutivo e se afirme produtivo;

- A liberdade conferida às universidades para atingirem os seus objectivos, impondo-lhes penalizações em caso de incumprimento; de outro modo, espera-se das lideranças a capacidade de desenhar estratégias e de trabalho que permitam conseguir o melhor corpo docente, o melhor ensino, a melhor investigação. A grande inferência é a de que não alterando o actual modelo de gestão do

ensino superior, dificilmente haverá condições de melhoria do desempenho dos quadros e técnicos, ao serviço de Angola. Reformar o modelo de gestão implica mexer no status quo das instituições públicas e privadas. Tal mexida envolve correcção, actualização e reconhecimento de mérito, penalizando o não cumprimento. Implica olhar para a universidade, partindo de uma lógica empresarial.

A doutormania, termo usado ao longo desta obra, pode ser o garante do sucesso de muitos cidadãos, dada a conotação que este nome granjeou no mercado nacional. Mas o combate deste fenómeno, que também chamo de patologia académica, é, sem dúvidas, o caminho certo a ser seguido, de modo, a valorizar-se o mérito.

Bibliografia consultada

Alves, José Matias (2013). Memória de Professores: emoções, identidades profissionais, currículo e avaliação. Lisboa: Faculdade de Educação e Psicologia.

Ber, Max. A "Objectividade" do Conhecimento nas Ciências Sociais. In.: WEBER, Max (org. Gabriel Cohn). Max Weber: sociologia. São Paulo: Ática, 1991, p. 79-127.

Bussulo, Francisco (2010). Ensino em Angola: União Africana exige mais qualidade - Semanário (actual, de 9 a 16 de Abril. Luanda. Angola.

Carvalho, José Mexia Crespo (2003). Ensino Superior modelo de gestão. mérito e responsabilidade. Lisboa: Edições Silabo.

Memnezes, M. Azancot (2010). Reflexões sobre Educação. Luanda: Editora Mayamba.

Marli, Lidia Turner (2007). Del Pensamiento Pedagógico de Ernesto Cheguevara. Habana: Editorial Capitán San Luis.

Tati, Jean Michel Mabeko (2018). Guerrilhas e Lutas Sociais. O MPLA perante si próprio 1860-10977. Lisboa: Mercado de Letras.

Silva, Eugénio A. (2012). Universidade Agostinho Neto: quo vadis? Lu-anda: Kilombelombe.

Silva, Eugénio Alves da (2016). Gestão do Ensino Superior em Angola: realidades, tendências e desafios rumo à qualidade. Luanda: Mayamba.

Outras fontes

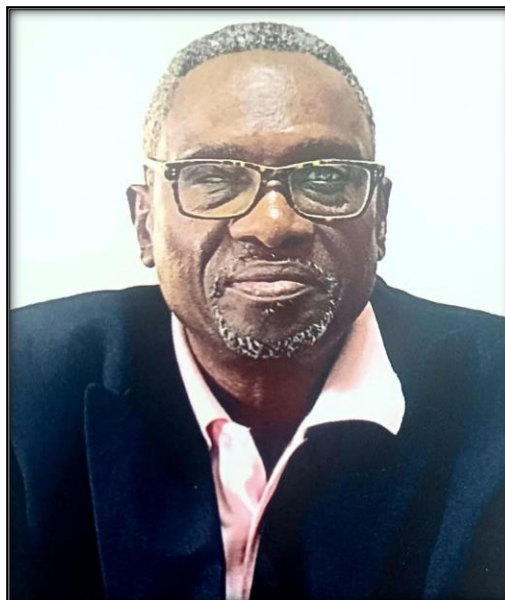
Boletim da Câmara Municipal de Sá da Bandeira, n.º 5, Janeiro a Fevereiro de 1962.

Boletim Municipal de Sá da Bandeira, 1964.

Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, n.º 17/16, de 7 de Outubro. In DR, I Série, n.º 170.

Universidade Agostinho Neto (2017). História da Universidade Agostinho Neto. Consultada a 11 de Janeiro de 2018. Disponível em <https://www.uanet.edu.ao>.

DADOS BIOGRÁFICOS



Raimundo Amizalac Joaquim Dungula é, desde 2007, doutor em Análises Geográficas Regionais e Geografia Física, pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha); é, desde 1999, especialista em Demografia, no âmbito de um programa de Estatística da População, pela Universidade Louvain-la-Neuve, em Bruxelas. É diplomado com Altos Estudos Internacionais, pela CEI (Centro de Estudos Internacionais) de Madrid; diplomado com Estudos Africanos pelo CIDAF (Centro de Estudos Africanos); licenciado em Ciências Pedagógicas, opção Geografia, pela Universidade de Havana (Cuba); exerceu, de 2010 a 2015, de Director Geral do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da Huíla.

É Professor Associado (reformado) do Departamento de Ciências da Natureza do ISCED da Huíla; foi colaborador da SINFIC, no Plano Director da cidade do Lubango; coordenador – Adjunto da Comissão Nacional para Reforma

dos Cursos de Ensino Superior, na especialidade de Geografia.

Actualmente é diácono cristão, ministro de Deus; empresário e professor convidado (conferencista) pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha).

DOUTORMANIA

Uma Patologia Académica

Raimundo Amizalac J. Dungula

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Mukereng Mpôio Calunga Cardoso



Todos os direitos desta obra reservados a

Raimundo Amizalak J. Dungula

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PAÍSES" AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

DOUTORMANIA

UMA PATOLOGIA ACADÉMICA

A doutormania tornou-se quase uma organização, como se de um clube se tratasse, com *status* próprio. Da conceptualização (marcada), apontemos determinados traços característicos, tais como: (i) discriminatório nos ambientes em que ela é aplicada; (ii) destruidor de carácter, de quem se matricula neste clube; (iii) destruidor de competências.

Estes traços, aqui expostos de forma somática, nas diversas áreas da sociedade angolana, enfermam, sem dúvida, o nosso país. De outro modo, **como se explicaria uma sociedade com muitos doutores; porém, sem soluções para os tantos problemas de ordem social, económica e tecnológica, que o país apresenta?**

No caso específico da longa crise que Angola vem somando, desde 1975, nas áreas sociais (educação e saúde), para não alargar o leque de áreas, as consequências da gestão personalizada, da dispersão geográfica das frentes de ataque, e a ausência de uma doutrina dorsal para as devidas correcções, constituem os pontos de partida e de chegada da presente reflexão.

ISBN 978-989-8957-04-7